

Gustavo Bernardo / Rainer Guldin

**O homem sem chão:
a biografia de Vilém Flusser**

Prólogo absurdo

O termo “absurdo” significa geralmente “sem fundamento”, no sentido de “sem raízes”. Como é sem fundamento uma planta posta em vaso. Flores na mesa do jantar são exemplos de vida absurda. Se quisermos intuir tais flores, podemos sentir a sua tendência de brotar raízes e fazê-las penetrar não importa que solo. A tendência das flores sem raiz é o clima da falta de fundamento.

Das Wort “absurd” bedeutet ursprünglich “bodenlos”, im Sinn von “ohne Wurzel”. Etwa wie eine Pflanze bodenlos ist, wenn man sie pflückt, um sie in eine Vase zu stellen. Blumen auf dem Frühstückstisch sind Beispiele eines absurden Lebens. Wenn man versucht, sich in solche Blumen einzuleben, dann kann man ihren Drang mitfühlen, Wurzeln in irgendeinen Boden zu treiben. Dieser Drang der entwurzelten Blumen ist die Stimmung des absurden Lebens.

O “homem sem chão” do título deste livro se chama Vilém Flusser. Trata-se de um filósofo judeu que nasce na cidade de Praga, em 1920; migra para o Brasil, em 1940; naturaliza-se como brasileiro, em 1950; migra de volta para a Europa, em 1972; e morre na mesma Praga em que nasceu, em 1991.

No primeiro parágrafo da sua própria autobiografia, como lemos acima, em português e em alemão, ele mesmo se apresenta como *bodenlos*, isto é: como um homem sem chão, sem fundamento, sem raízes. Poderíamos também dizer: como um homem absurdo. Para explicar o inexplicável, ou seja, o absurdo, Flusser estabelece duas analogias: com a planta, dentro de um vaso de plantas, e com as flores, já mortas, que decoram a mesa do jantar. As imagens representam bem o absurdo porque o sentido de uma planta reside em brotar raízes para fazê-las penetrar algum solo, não importa qual.

No entanto, em nome da beleza, da estética ou mesmo da natureza, seres humanos enterram plantas em vasos ou arrancam suas flores para exibi-las pouco antes de murcharem. Desta maneira, os seres humanos arrancam o sentido e o fundamento das

plantas e das flores porque eles as exilam do seu solo original. Assim como a planta num vaso fica com as suas raízes sem sentido e então se torna *bodenlos*, o migrante se torna também *bodenlos*. Essa condição se agrava se a migração é forçada como a de Vilém Flusser, que não sai da sua Praga natal por livre e espontânea vontade, mas sim para fugir da invasão nazista. Essa condição se agrava ainda mais se o migrante sobrevive, sim, mas perde toda a sua família, assassinada pelos mesmos nazistas de que fugiu.

Por isso, aflige a Flusser a questão que sempre foi crucial para outro filósofo, Albert Camus: devo ou não me suicidar? Em outras palavras: devo ou não emprestar sentido ao sem-sentido de que sou vítima? Se não escolhi nascer, onde nascer, quando nascer, como nascer, enfim, de que família e raça nascer, posso ao menos escolher onde, quando e como morrer?

Para Flusser, estas questões não são apenas pessoais, mas antes de tudo religiosas. Se me suicido, então confirmo que não há qualquer sentido ou fundamento para a existência – logo, Deus não existe. Se não me suicido, então continuo procurando sentido ou fundamento para a existência – logo, continuo procurando Deus.

Não por acaso, semelhante procura atormenta outro praguense famoso, conhecido como Franz Kafka. Ele dizia: “passei a minha vida lutando contra o desejo de acabar com ela”. Não por acaso, a indecidibilidade da questão “devo ou não me suicidar?” força a que se faça determinada aposta na vida, obrigando o sujeito a se tornar um apostador, vale dizer, um jogador.

Talvez por isso Flusser tenha dito, no artigo “Meu atlas” (publicado apenas em 1993, em alemão, como “*Mein Atlas*”, no livro *Dinge und Undinge*): “sei que ser homem é ser jogador com sombras, e portanto ser sombra”. A sombra, no caso, traduz a sensação do absurdo, do sem sentido e significado, no limite: sem chão. Talvez por isso, também, a resposta prática que Flusser dá à questão do suicídio é melhor do que a de Kafka: o filósofo vive e escreve até idade bastante avançada, publicando em vida cerca de vinte livros, que seriam traduzidos em mais de trinta línguas, além de perto de mil artigos em coletâneas, jornais e revistas do mundo todo.

Além da resposta prática, Vilém também nos oferece uma resposta filosófica. Em outro artigo, chamado “O mito de Sísifo de Camus”, ele reconhece “que tudo carece de significado, é absurdo e se precipita na direção de uma morte absurda e sem sentido”.

Então, por que não me matar, mergulhando, do trampolim do absurdo, na transcendência do nada?

Porque o suicídio é “uma espécie de metafísica, de truque teológico, em resumo: uma tentativa desonesta de escapar ao absurdo. Consequentemente, o suicídio deve ser repellido, como qualquer outra espécie de metafísica”. Quando se escolhe deixar de ser sombra para não ser, escolhe-se também abdicar de toda possibilidade de escolha, portanto, escolhe-se não escolher mais nada! Logo, “é preciso continuar vivendo com o nojo, dia após dia, momento após momento, para viver o mais possível, já que não se pode viver o melhor possível”.

Para poder enfrentar questão tão existencial quanto religiosa, Vilém Flusser a inverte e descobre, então, “a liberdade do migrante”, como aponta o título de um de seus muitos livros. Aquele que migra precisa mudar de língua e, dessa maneira e ao mesmo tempo, muda de uma realidade para outra. A mudança é tão forte que a migração, bem como a necessidade concomitante de tradução, implicam verdadeiras experiências de morte, sim, mas também de renascimento.

O migrante consegue sair do aquário da sua realidade, pouco que seja, para percebê-la de fora. O migrante suspende melhor as suas crenças para pensá-las e assim repensar-se. O migrante consegue perceber não apenas o absurdo que o constitui, como ainda enxerga com clareza o outro absurdo do mundo moderno: o nacionalismo e sua vertente ampliada, o patriotismo. O patriotismo reforça e justifica os outros *ismos*, tão nefastos quanto: racismo, patriarcalismo, sexismo e especismo, por exemplo. Não à toa, Flusser diagnostica sem meio-termo: o patriotismo é o principal sintoma de uma enfermidade estética – acrescentaríamos nós, o patriotismo é uma doença histórica.

“Somos animais que negam, e isto é a nossa dignidade”, afirma o filósofo na versão brasileira de *Bodenlos*. Queremos sempre ser o que não somos, e por isso criamos a língua, a ciência, a ficção e a civilização. Quando afirmamos com orgulho que somos isto ou aquilo, por exemplo brasileiros ou cristãos, tchecos ou judeus, suíços ou protestantes, afirmamos um pouco demais – e desta maneira negamos a negação que nos constitui e nos diferencia. Afirmar-se qualquer coisa, por exemplo patriota, implica glorificar o mais puro acaso como se acaso não fosse. Afirmar-se patriota implica fingir que se escolheu nascer e viver nesta pátria, nesta família, nesta religião e nesta época, quando não escolhemos nada disso. Aqui estamos, sim, mas à nossa revelia (palavra que rima com histeria).

O migrante, porém, depara-se com a oportunidade de poder contemplar a sua antiga pátria de fora. Em consequência, para ele torna-se mais fácil contemplar também de fora a nova pátria. Em ambos os casos, há alguma dor, às vezes muita dor, mas também uma imprevista liberdade. Morre-se numa língua para se nascer em outra, com a vantagem dramática da memória da primeira vida. Logo, a *Bodenlosigkeit*, isto é, a falta de fundamento, raízes e chão que define o migrante, mostra-se, ao mesmo tempo, tragédia e libertação – sem que a libertação atenuie a tragédia.

O conflito criativo, mas doloroso, entre a tragédia e a libertação, percorre a biografia que agora se desenrola.

Em conferência no Seminário Kornhaus, em Weiler, na Alemanha, em 1985, intitulada “Apátridas e patriotas” (publicada mais tarde, no ano da sua morte, no jornal *O Estado de São Paulo*), Vilém vê os migrantes como a vanguarda da humanidade. Para ele, “os vietnamitas na Califórnia, os turcos na Alemanha, os palestinos nos emirados, os nordestinos em São Paulo, os cientistas poloneses em Harvard” são modelos a serem seguidos, porque migrar é situação criativa.

O migrante corta os fios da pátria e, ao fazê-lo, descobre que todas as pátrias se equivalem, porque todas limitam. Descobre assim que é preciso cortar os fios impostos, como os da pátria, para criar fios pelos quais se possa escolher ser responsável, pelos quais se possa escolher a responsabilidade. Como diz Flusser, “não sou responsável por meus laços de solo e sangue ou de vizinhança, mas por meus amigos e pela mulher que amo” – mulher que se chama Edith e que o acompanha, por 54 anos, em todas as fugas, migrações, retornos e exílios.

Dizemos “que o acompanha”, no presente, embora Vilém tenha falecido em 1991, aos 71 anos de idade, e Edith, em 2014, aos 94 anos de idade. Na verdade, escrevemos toda esta biografia no tempo presente para fazer jus à epígrafe que escolhemos para o livro, firmada pelo próprio filósofo praguense: “a verdadeira homenagem devida aos mortos é assumi-los como se fossem vivos”.